Hermann Hesse
Siddhartha
um poema indiano

Romance

Tradução
Pedro Miguel Dias

Índice

PRIMEIRA PARTE

<i>O Filho do Brâmane</i>	11
<i>Com os Samanas</i>	21
<i>Gotama</i>	33
<i>Despertar</i>	43

SEGUNDA PARTE

<i>Kamala</i>	51
<i>Entre o povo de crianças</i>	67
<i>Sansara</i>	77
<i>À beira do rio</i>	87
<i>O barqueiro</i>	99
<i>O filho</i>	113
<i>Om</i>	123
<i>Govinda</i>	131

Primeira Parte

O Filho do Brâmane

Na penumbra da casa, ao sol nas margens do rio, junto aos barcos, à sombra do bosque, à sombra das figueiras, cresceu Siddhartha, o belo filho do brâmane, o jovem falcão, na companhia de Govinda, o seu amigo, o filho do brâmane. O sol queimava os seus ombros claros nas margens do rio, durante o banho, durante as abluções sagradas, durante os sacrifícios sagrados. As sombras do mangal corriam pelos seus olhos negros durante as brincadeiras infantis, durante as canções de sua mãe, durante os sacrifícios sagrados, durante os ensinamentos de seu pai, o erudito, durante o discurso dos sábios. Havia já muito tempo que Siddhartha participava nas conversas com os sábios, que treinava com Govinda a retórica, que treinava com Govinda a arte da contemplação, a prática da meditação. Já sabia pronunciar silenciosamente o Om, a palavra das palavras; deixava-o penetrar silenciosamente em si com a inspiração, exalava-o silenciosamente com a expiração, com a totalidade da sua alma, a fronte envolta no brilho do espírito lúcido. Já reconhecia Atman no fundo do seu ser, imperecível, uno com o universo.

O coração de seu pai alegrava-se com o filho, inteligente e sedento de sabedoria; via crescer nele um

grande sábio e sacerdote, um príncipe entre os brâmanes.

O peito de sua mãe sofria ao olhar para ele, ao vê-lo caminhar, sentar-se perto dela e levantar-se; Siddhartha, o forte, o belo, aquele que caminha com pernas elegantes, aquele que a saúda com delicadeza.

O coração das jovens filhas dos brâmanes agitava-se de amor quando Siddhartha passava pelas ruas da cidade, com a sua fronte luminosa, com o seu olhar real, com a sua anca delgada.

Mais do que todos eles, no entanto, amava-o Govinda, o seu amigo, o filho do brâmane. Amava o olhar de Siddhartha e a sua voz gentil, amava o seu andar e a perfeita graciosidade dos seus movimentos, amava tudo o que Siddhartha dizia e fazia e, acima de tudo, amava o seu espírito, os seus pensamentos elevados e ardentes, os seus desejos impetuosos, a sua vocação nobre. Govinda sabia: este não viria a ser um brâmane vulgar, um preguiçoso funcionário encarregue dos sacrifícios, um ganancioso comerciante de encantamentos, um orador vaidoso e vazio, um sacerdote maldoso e pérfido, tal como não viria a ser uma ovelha boa e tola no rebanho da multidão. Não, e também ele, Govinda, não queria tornar-se um tal brâmane, como outros mil que existiam. Queria seguir Siddhartha, o bem-amado, o magnífico. E quando Siddhartha, enfim, se tornasse um deus e entrasse no reino resplandecente, Govinda queria segui-lo, como seu amigo, como seu companheiro, como seu servidor, seu pajem, sua sombra.

Assim Siddhartha era amado por todos. A todos alegrava, a todos tornava felizes.

Mas ele, Siddhartha, não se alegrava, não era feliz. Passeando pelos caminhos floridos do pomar, sentando-se debaixo das sombras azuladas do bosque da

contemplação, banhando os seus membros durante o banho diário de purificação, oferecendo sacrifícios na profunda penumbra do mangal, perfeitamente gracioso no seu porte, amado por todos, sendo a alegria de todos, não tinha qualquer alegria no seu coração. Sonhos e pensamentos perturbadores vinham até ele, flutuando nas águas do rio, cintilando nas estrelas da noite, fundidos nos raios do sol; sonhos e inquietude de alma vinham até ele, diluídos no fumo dos sacrifícios, suspirados nos versos do *Rig-Veda*, escorrendo dos ensinamentos dos velhos brâmanes.

Siddhartha começara a alimentar em si a infelicidade. Começara a sentir que o amor de seu pai, o amor de sua mãe e o amor do seu amigo, Govinda, não o poderiam tornar feliz para todo o sempre, não poderiam apaziguá-lo, saciá-lo, satisfazê-lo. Começara a pressentir que o seu honrado pai e os seus outros mestres já haviam partilhado com ele a maior e melhor parte da sua sabedoria, deitado tudo o que tinham para dentro do recipiente ansioso que ele era, e o recipiente não estava cheio, o espírito não estava satisfeito, a alma não estava aquietada, o coração não estava pacificado. As abluções eram boas, mas eram água, não lavavam os pecados, não saciavam a sede do espírito, não acabavam com os temores do coração. Os sacrifícios e a invocação dos deuses eram excelentes – mas isso seria tudo? Os sacrifícios trariam a felicidade? E como seriam os deuses? Foi realmente Prajapati quem criou o mundo? Não teria sido Atman, Ele, o Uno, o Único? Não seriam os deuses criaturas, formados como tu e eu, súbditos do tempo, efémeros? Seria bom, por isso, oferecer sacrifícios aos deuses? Seria correto, seria sensato, seria um gesto nobre? A quem fazer sacrifícios, a quem venerar, senão a Ele, ao Único, a Atman? E onde encontrar Atman, onde

vive Ele, onde bate o Seu coração, senão no próprio Eu, nas profundezas imperecíveis que existem em todos nós? Mas onde, onde se encontra este Eu, esta Interioridade, esta Finalidade? Não é de carne e osso, não é o pensamento ou a consciência, assim ensinavam os mais sábios. Onde, onde era então? Penetrar no Eu, na Interioridade, em Atman – existiria outro caminho que valesse a pena ser procurado? Mas, aí, ninguém lhe mostrava esse caminho, ninguém o conhecia, nem o pai nem os professores e sábios, nem os cânticos sagrados dos sacrifícios! Tudo eles conheciam, os brâmanes e os livros sagrados, tudo conheciam, tudo tinham estudado e mais do que o tudo, a criação do Mundo, a origem do discurso, os alimentos, a inspiração, a expiração, a ordem dos sentidos, os feitos dos deuses – eram infindáveis os seus conhecimentos –, mas valeria a pena saber tudo isso, se não se conhecia o Uno e Único, o mais importante, a única coisa importante?

É certo que muitos versos dos livros sagrados, versos magníficos, principalmente nas Upanishads do Samaveda, falavam desta Interioridade e Finalidade. «A tua alma é o mundo inteiro», aí estava escrito, tal como estava escrito que os homens, durante o sono mais profundo, penetravam na sua Interioridade e viviam em Atman. Estes versos continham uma sabedoria maravilhosa, todo o conhecimento dos mais sábios estava aí reunido em palavras mágicas, puras como o mel das abelhas. Não, nada menosprezar era a mais extraordinária decisão que aí estava, reunida e conservada por incontáveis gerações sucessivas de sábios brâmanes. Mas onde estavam os brâmanes, os sacerdotes, os sábios ou penitentes, que conseguiram não apenas possuir este conhecimento, mas vivê-lo? Onde estavam os homens versados nestas coisas, que conseguiram

transportar a sua comunhão com Atman do sono para a vigília, para a vida, em todos os momentos, nas suas palavras e ações? Siddhartha conhecia muitos brâmanes veneráveis, o seu pai antes de todos os outros, puro, sábio, o mais venerável. O seu pai era digno de admiração, o seu comportamento era sereno e honrado, a sua vida era pura, a sua palavra era sábia, pensamentos bons e nobres ocupavam a sua frente – mas também ele, que tanto sabia, vivia ele na bem-aventurança, tinha paz, não seria também ele apenas mais um homem sedento, à procura? Não necessitava ele, sedento, de beber repetidamente das fontes santas, nos sacrifícios, nos livros, nos diálogos dos brâmanes? Porque necessitava ele, o irrepreensível, de lavar todos os dias os seus pecados, ocupar-se diariamente da sua purificação e todos os dias recomeçar? Não estava nele Atman, a Fonte Primordial não brotava no seu coração? É necessário encontrar a Fonte Primordial no fundo do Eu, possuí-la em nós mesmos! Tudo o resto era demanda, era desvio, era erro.

Estes eram os pensamentos de Siddhartha, esta era a sua sede, esta a sua dor.

Muitas vezes repetia para si mesmo as palavras do *Chandogia-Upanissade*: «Realmente, o nome do Braman é Satyam – na verdade, quem isto sabe, ascende diariamente ao mundo celestial.» Muitas vezes o mundo celestial parecera-lhe perto, mas nunca o conseguira alcançar, nem conseguira saciar a sua derradeira sede. E entre todos os sábios que ele conhecia e de cujos conhecimentos desfrutara, entre eles não existia um único que tivesse completamente alcançado o mundo celestial, que tivesse completamente saciado a sede eterna.

– Govinda – disse Siddhartha ao seu amigo –, Govinda, vem comigo para debaixo da figueira-de-bengala, vamos meditar.

Foram para junto da figueira-de-bengala, sentaram-se no chão, aqui Siddhartha, Govinda afastado vinte passos. Enquanto se sentava, pronto a pronunciar o Om, Siddhartha murmurava os versos:

«Om é o arco, a flecha é a alma,
O Braman é o alvo da flecha,
O alvo que devemos atingir.»

Quando o tempo habitual da meditação se esgotou, Govinda ergueu-se. A noite chegava, era hora de realizar as abluções da tarde. Chamou o nome de Siddhartha. Siddhartha não respondeu. Siddhartha permanecia sentado e absorto, os seus olhos estavam fixos num alvo muito distante, a língua espreitava um pouco por entre os dentes, parecia nem respirar. Assim permanecia, mergulhado na meditação, pensando no Om, a sua alma como uma flecha dirigida ao Braman.

Certa vez, passaram pela cidade de Siddhartha alguns samanas, peregrinos ascetas, três homens secos e esquecidos, nem novos nem velhos, com ombros cobertos de pó e de sangue, praticamente nus, crestados pelo sol, envoltos em solidão, estranhos ao mundo e seus inimigos, magros chacais forasteiros no reino dos homens. Seguia-os o cheiro quente da paixão tranquila, do serviço avassalador, da abnegação sem compaixão.

À noite, depois da hora da contemplação, Siddhartha disse a Govinda:

– Amanhã cedo, meu amigo, Siddhartha irá ter com os samanas. Siddhartha tornar-se-á um samana.

Govinda empalideceu, ao ouvir estas palavras, e no rosto imóvel do seu amigo leu a determinação, impossível de desviar do seu curso como a flecha lançada por um arco. Govinda percebeu imediatamente: come-

çou, agora Siddhartha seguirá o seu caminho, agora o seu destino começa a concretizar-se, e o meu com o dele. E ficou lívido, como a casca seca de uma banana.

– Siddhartha – exclamou –, irá o teu pai permitir-te tal?

Siddhartha olhou para cima como alguém que desperta. Rapidamente, leu a alma de Govinda, leu nela o medo, leu a resignação.

– Govinda – disse ele em voz baixa –, não desperdicemos as nossas palavras. Amanhã, ao romper do dia, começarei a viver a vida dos samanas. Não falemos mais disso.

Siddhartha entrou na câmara onde estava o seu pai, sentado sobre uma esteira de ráfia; colocou-se atrás de seu pai e ficou de pé, até este sentir que alguém estava atrás dele. Falou o brâmane:

– És tu, Siddhartha? Diz, então, aquilo que tens para dizer.

Disse Siddhartha:

– Com a tua permissão, meu pai. Vim para te dizer que é meu desejo deixar a tua casa, amanhã, e juntar-me aos ascetas. Tornar-me um samana, esse é o meu desejo. Espero que o meu pai não se oponha.

O brâmane ficou silencioso, permaneceu silencioso por tanto tempo que na pequena janela as estrelas se deslocaram e a sua configuração se alterou, antes que o silêncio na câmara chegasse ao fim. O filho permaneceu de pé, com os braços cruzados, mudo e imóvel, o pai permaneceu sentado sobre a esteira, mudo e imóvel, e as estrelas cruzaram o céu. Então o pai falou:

– A um brâmane não fica bem proferir palavras bruscas e coléricas. Mas a indignação move o meu coração. Não quero ouvir tal pedido uma segunda vez da tua boca.

Lentamente, o brâmane ergueu-se; Siddhartha continuava silencioso e de braços cruzados.

– Porque esperas? – perguntou o pai.

Disse Siddhartha:

– Tu o sabes.

Indignado, o pai saiu da câmara. Indignado, dirigiu-se ao seu leito e deitou-se.

Uma hora mais tarde, porque o sono não vinha aos seus olhos, o brâmane levantou-se, caminhou para trás e para diante, saiu da casa. Olhando pela pequena janela da câmara viu Siddhartha, de pé, com os braços cruzados, imóvel. O seu traje claro resplandecia de brancura. Com o coração inquieto, o pai voltou para o seu leito.

Uma hora mais tarde, porque o sono não vinha aos seus olhos, o brâmane voltou a levantar-se, caminhou para trás e para diante, saiu para a frente da casa, viu a lua a nascer. Olhando pela janela da câmara viu Siddhartha, imóvel, com os braços cruzados, a luz da lua refletida nas suas canelas nuas. Com o coração apreensivo, o pai regressou ao seu leito.

E voltou uma hora mais tarde, e voltou duas horas mais tarde, olhou pela pequena janela, viu Siddhartha de pé, à lua, sob as estrelas, nas trevas. E voltou a cada hora que passou, silencioso, olhou para a câmara, viu o homem de pé, imóvel, encheu o seu coração de ira, encheu o seu coração de inquietação, encheu o seu coração de medo, encheu-o de dor.

E na última hora da noite, antes do início do dia, voltou, entrou na câmara, viu o jovem de pé, que lhe pareceu grande e distante.

– Siddhartha – disse ele –, porque esperas?

– Tu o sabes.

– Quererás tu esperar de pé, até chegar o dia, a tarde, a noite?

- Esperarei, de pé.
- Ficarás cansado, Siddhartha.
- Ficarei cansado.
- Adormecerás, Siddhartha.
- Não adormecerei.
- Morrerás, Siddhartha.
- Morrerei.
- E preferes morrer, a obedecer a teu pai?
- Siddhartha obedeceu sempre a seu pai.
- Estarás disposto a renunciar ao teu propósito?
- Siddhartha fará o que o seu pai lhe disser.

O primeiro brilho do dia caiu na câmara. O brâmane viu que os joelhos de Siddhartha tremiam ligeiramente. Mas no rosto de Siddhartha não viu qualquer tremor; ao longe brilhavam os seus olhos. Então o pai compreendeu que Siddhartha já não se encontrava junto a ele, na sua terra, que já o tinha deixado.

O pai tocou o ombro de Siddhartha.

– Tu queres – disse ele –, ir para a floresta e ser um samana. Se encontrares a bem-aventurança na floresta, volta e ensina-me a bem-aventurança. Se encontrares a desilusão, então volta e voltaremos a oferecer sacrifícios aos deuses, juntos. Agora vai beijar tua mãe, diz-lhe para onde vais. Para mim está na hora de ir ao rio fazer as primeiras abluções.

Retirou a mão do ombro de seu filho e saiu. Siddhartha cambaleou, ao tentar andar. Dominou os seus membros, fez uma vénia a seu pai e foi ter com a sua mãe, para fazer o que o pai lhe dissera.

Ao deixar a cidade ainda adormecida, à primeira luz da manhã, com as pernas entorpecidas, ergueu-se da última cabana uma sombra, que ali estava acocorada, e aproximou-se do peregrino – Govinda.

- Vieste – disse Siddhartha, sorrindo.
- Vim – disse Govinda.